



## **PESSOAS TRANS COMO EXEMPLO DE FIGURA PÚBLICA! SIM, POR QUE NÃO?**

***Eixo Temático: EIXO 52 - GÊNERO E SEXUALIDADE EM FOCO:  
INTERSECCIONALIDADE E DESAFIOS DE POPULAÇÕES  
MARGINALIZADAS E ESTIGMATIZADAS (online)***

Rafael Carvalho Figueiredo de Miranda <sup>1</sup>  
Daniela Lopes Oliveira Dourado <sup>2</sup>

### **RESUMO**

Ao pensar em Transexualidade e Homossexualidade o que uma parcela da sociedade imagina são pessoas que vendem seus corpos em troca de nada e as comparam como praticantes da lascívia, prostituição e luxúria. Entretanto, essa escrita vem com o objetivo de desmistificar essa ideia transfóbica e homofóbica que os corpos homossexuais estão à disposição apenas para as atividades que socialmente são vistas como inadequadas. O transcurso da pesquisa analisa trajetórias de vidas e corpos marcados por violências, exclusões e marginalizações apresentados em reportagens nos veículos de informações disponíveis em portais da web. Sendo assim, entende-se a necessidade desses corpos marginalizados ocuparem os mesmos espaços que qualquer outro cidadão hétero-cis ocupa.

**Palavras-chave:** Transexualidade, Prostituição, Subsistência, Educação, Política.

### **INTRODUÇÃO**

Pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-Binários e mais), são constantemente expostos a violências que variam entre morais e sexuais.

---

<sup>1</sup> Graduando de Pedagogia (UNEB), integrante do grupo de pesquisa CONPEEJA (Conjunturas de Pesquisas e Estudos em EJA) e membro do Grupo de Pesquisa Diversidade, Discursos, Formação na Educação Básica e Superior (DIFEBA). E-mail: [rafael.miranda.universidade@gmail.com](mailto:rafael.miranda.universidade@gmail.com) ORCID <https://orcid.org/0009-0007-2445-417X>

<sup>2</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Difusão do Conhecimento (PPGDC UNEB). Mestre em Educação de Jovens e Adultos (PPGEJA UNEB). Especialista em Metodologia do Ensino Superior (UNEB), Pedagoga (UNEB). Coordenadora do Núcleo de Pesquisa (NUPE) e Professora dos cursos de Administração e Pedagogia líder do Grupo de Pesquisa CONPEEJA e membra do Grupo de Pesquisa DIFEBA. E-mail: [dannylopes11@gmail.com](mailto:dannylopes11@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4642-0919>



Diferentemente de outros sujeitos hétero-cis-branco, mulheres e homens trans não possuem o direito básico de sair nas ruas de sua cidade sem o medo constante de ser morto apenas por bandidos, mas também de ser mortos por fanáticos religiosos, preconceituosos, homofóbicos e transfóbicos.

O uso do banheiro público também é um grande desafio para sujeitos gays e trans. Homens e Mulheres trans e sujeitos de gênero não binário não podem usar o seu respectivo gênero de banheiro público, visto que, não encontram estruturas com banheiros separados.

O acesso ao mercado de trabalho, é um verdadeiro desafio para a comunidade trans e gay. Esses indivíduos não conseguem vínculo trabalhista por causa de seus corpos marginalizados e discriminados. “Homem” com mamas, “mulher masculinizada”, “bichas”, “viados”, esses são alguns dos motivos que as empresas não contratam esses indivíduos socialmente excluídos.

A presente pesquisa tem como objetivo desmistificar essa ideia transfóbica e homofóbica que os corpos homossexuais estão à disposição apenas para as atividades que socialmente são vistas como inadequadas. Ou seja, mesmo que para as pessoas hétero-cis irem ao banheiro, conseguir um emprego, segurança, estabilidade financeira e acesso à educação seja algo “normal” e rotineiro em suas vidas, “mesmo que de direito, essa é uma luta diária para os grupos subalternizados.” (Paranhos, 2023, p. 147)

Consequentemente, “esta estigmatização das travestis e mulheres trans, acaba por fazer com que na maioria das vezes não consigam inserção no mercado de trabalho formal, tendo a prostituição como alternativa para assegurar sua sobrevivência” (Alves, 2024, p.28).

## **METODOLOGIA**

O transcurso da pesquisa analisa trajetórias de vidas e corpos marcados por violências, exclusões e marginalizações apresentados em reportagens nos veículos de informações disponíveis em portais da web. Para isso, analisaremos as reportagens nos meios digitais e alguns artigos que retratam a história de Erika Hilton.

Erika Santos Silva (1992), mais conhecida como Erika Hilton, mulher negra e transvestigênera, eleita vereadora pela cidade de São Paulo, pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) “foi a mulher mais bem votada em 2020 em todo o país, a mais votada do PSOL e é a primeira trans eleita para a Câmara Municipal paulistana, com mais de 50 mil votos (Câmara Municipal de São Paulo, 2023 apud Ribeiro, 2023, p. 16)



Foram exploradas referências bibliográficas e documentos para buscar as informações divulgadas nos veículos de comunicação digital sobre Erika Hilton, uma figura pública, descrita em artigos, portais da web, livros e outros meios de comunicação.

A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A única diferença entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa” (Gil, 1999, p. 51).

Com a abordagem qualitativa, busca-se “focar no estudo de um ou mais indivíduos, reunir dados por meio da coleta de suas histórias, relatar as suas experiências individuais e ordenar cronologicamente o significado dessas experiências.” (Creswell, 2014, p. 68)

## REFERENCIAL TEÓRICO

Para fundamentar a presente pesquisa, usaremos duas fontes de referenciais. A primeira fonte é a fonte empírica, através de literaturas e da arte musical. Como exemplo da música de Maria Bethânia, Balada de Gisberta (2010), onde Luccas Jesus fez a seguinte observação da música:

Embora escrita de forma lúdica, a canção Balada de Gisberta conta uma história trágica que expõe camadas: De Gisberto à Gisberta (Perdi-me do nome/Hoje podes chamar-me de tua), de artista à prostituta (Dancei em palácios/Hoje danço na rua), sublinha um sentimento estrangeiro (De que serve voltar/Quando se volta pro nada), e encerra estrofes apontando para um destino dramático (E o céu não pode esperar/O fim quer me buscar/É o futuro que parte/O amor é tão longe) (Bethânia, 2010 apud Jesus, 2019).

A segunda fonte é a fonte científica, usando artigos e webs digitais iremos analisar a vivência de Erika Hilton, figura pública, mulher trans, negra, deputada brasileira. E teremos como base, Paulo Freire, ou seja, o presente artigo se sustenta nas ideias Freirianas de equidade e mudança social (Freire, 2011).

Buscaremos através de Freire, visibilizar os oprimidos da sociedade e denunciar os vilipêndios que as pessoas trans e gays enfrentam na sociedade (Freire, 1987).

O patrono da educação, descreve em seu livro Pedagogia da Autonomia (Freire, 1996), como os sujeitos “oprimidos” (Freire, 1987), conseguem a mudança social através da educação (Freire, 2011).



## DISCUSSÃO

É notório que ao falarmos sobre mudança social e a importância que a educação possui para esse movimento, a presença de pessoas empoderadas que se tornam exemplo de superação e resistência, faz-se necessário. Pois é a partir dessas pessoas que podemos inspirar outros sujeitos a reivindicarem por seus direitos e através da luta social não se conformar com o que a sociedade lhes impõe através do racismo, homofobia, etarismo, sexismo etc.

Dessa forma, no presente artigo, uma figura pública que se encaixa nesse perfil é Erika Hilton, em contrapartida de Gisberta. Onde Erika Hilton através dos estudos e das lutas sociais consegue ascender socialmente e adentrar espaços que anteriormente lhes foram negados por causa da sua situação social. Situação que Gisberta não teve oportunidade, uma mulher trans que foi assassinada sem ter a chance de conquistar seus sonhos.

Sobre Erika Hilton:

Em uma entrevista à TV Brasil, a deputada contou como foi vivenciar esse processo. “Diferente da maioria das pessoas eu nunca sofri hostilidade na minha infância, nunca tive o meu gênero reprimido, fui criada em um lar por mulheres e essas mulheres me deram a possibilidade e a liberdade de ser quem eu sou”, comentou. “O fundamentalismo mudou um pouco essa lógica de uma forma muito violenta e abrupta, eu não esperava por isso” (Barbosa, 2023).

Ou seja, se na sua infância a deputada pode ser livre e vivenciar toda a liberdade assegurada a todos os cidadãos, após o seu núcleo familiar ter acesso ao fundamentalismo religioso e o fanatismo de crenças, ela foi expulsa de sua casa e foi obrigada a viver nas periferias da cidade.

Nessas áreas subalternas, Erika Hilton relata que precisou vender seu corpo como forma de subsistir economicamente, e conseguir sobreviver no mundo hostil da prostituição em situação de ruas.

Após Erika Hilton retornar para seu lar, ela,

Concluiu o ensino médio através do ensino de jovens e adultos (EJA) e ingressou na Universidade Federal de São Carlos nos cursos de gerontologia e pedagogia, sem concluí-los. A partir disso, entrou em contato com os movimentos estudantis e fundou um cursinho pré-vestibular para pessoas trans e travestis (Neto, 2022).

Sendo assim, Erika Hilton conseguiu usar a educação como meio para transformar a sua realidade social. Através da EJA, ela adentrou a universidade e conheceu os movimentos estudantis, o que possibilitou a sua jornada nas lutas sociais que está empenhada pela busca da



transformação social em prol de ajudar outras pessoas que compartilham as mesmas dores e lutas.

A educação no caso de Erika Hilton foi utilizada como meio de mudar a sua realidade social, onde ela se submetia à prostituição como meio de subsistir e conseguir viver na sociedade, mesmo em contrapartida, correndo o risco de morrer pela violência das ruas.

Na situação de Erika Hilton, a educação conseguiu mudar a sua realidade social e lhe direcionou pelo caminho que possibilitou ela viver além das expectativas. Por outro lado, podemos citar outro exemplo de mulher trans, que mesmo tendo seus estudos concluídos, não teve a sorte de continuar viva. Pois teve sua vida ceifada por jovens transfóbicos e violentadores.

Este caso de transfobia foi o de Gisberta, mulher trans que foi cruelmente violentada fisicamente, sexualmente, psicologicamente e dentre tantas outras formas em Portugal, como descreve Luccas Jesus sobre o ocorrido: “morreu afogada e sozinha no fundo do poço do lugar abandonado no qual ela inventou um lar. O crime reverberou na imprensa local de modo enviesado e com a impunidade dos assassinos que, segundo o juiz, fizeram uma brincadeira de mal gosto (sic).” (Jesus, 2019)

Ainda sobre Gisberta, Luccas Jesus conclui seu pensamento sobre a transfobia e como a sociedade enxergava e continua enxergando pessoas trans:

O crime com requinte de crueldade deixa como rastro no corpo da vítima a tentativa de aniquilação subjetiva, - enunciada como um homem com mamas -, e física - violação, deformação e abuso sexual – detalhes que enredam o caminho para a fatídica exclusão: Gisberta não poderia caber (Jesus, 2019).

Mediante os dados expostos acima, é evidente que as pessoas trans e sujeitos que se autodeclararam LGBT, enfrentam percalços impostos pela sociedade que podem variar entre a violência de gênero e a transfobia.

Se através das lutas e de muito esforço Erika Hilton conseguiu superar as barreiras da transfobia, Gisberta não teve as mesmas oportunidades, pois sua vida foi ceifada sem mesmo que ela pudesse lutar ou defender a sua existência e o direito à vida.

Ou seja, metaforicamente, na sociedade atual os sujeitos LGBTs e as pessoas trans serão futuras Erika Hilton ou futuras Gisbertas?

O questionamento anterior implica uma reflexão que perpassa o meio social, político, religioso, moral e adentra o direito básico que qualquer ser humano tem que é o direito à vida. E infelizmente, precisamos reconhecer que a realidade ainda é excludente, é preciso muito



investimento em políticas públicas educativas, de segurança e afirmativa para uma mudança social que garanta os direitos de todas as pessoas LGBTs.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração a necessidade de subsistência, ficou comprovado que uma parcela daquelas pessoas que se submetem à prostituição é decorrência da necessidade de subsistência financeira, falta de oportunidades no mercado de trabalho e dentre outras formas, podemos citar o descaso familiar, onde por causa de ideologias e morais socialmente construídas, essas pessoas são esquecidas pela sua família.

Ou seja, da mesma forma que Erika Hilton após concluir seus estudos e começar a lutar pelos seus direitos nas lutas estudantis, ela conseguiu a ascensão social, conquistando espaços que lhe foram roubados e adentrando a política brasileira, sendo hoje uma figura pública que representa a luta LGBTQIAPN+ e resistência.

Diferente do que aconteceu com Gisberta, mesmo ela conseguindo realizar seu sonho de morar em outro país, ela também passou por dificuldades, entretanto ela não teve outra oportunidade a não ser a morte. Aqui reforçamos, não foi uma morte repentina ou de forma natural. Gisberta morreu assassinada de forma cruel, torturada, violentada, estuprada, vilipendiada e lentamente.

Portanto, é possível concluir que nem todos os sujeitos trans e LGBTs possuem a mesma sorte. E a palavra sorte entra nesse contexto, porque para esses sujeitos minorizados viver na sociedade eles precisam contar com a sorte de não se tornarem mais uma estatística de morte de sujeitos trans.

Ambas as mulheres citadas ao longo do texto, foram e são mulheres empoderadas e que resistiram a todas as mazelas da sociedade e buscam um futuro melhor para si e para sua classe social. Entretanto uma delas não teve a sorte de viver, pois foi morta de forma violenta

sem mesmo conseguir pedir socorro ou se autodefender. Sua Morte se deu no campo físico, psíquico e emocional. Antes mesmo de Gisberta dar seu último suspiro ela já havia morrido emocionalmente e interiormente quando foi violentada sexualmente pela primeira vez nos longos dias de sua tortura.

Entretanto, precisamos acreditar no amanhã, acreditar que movimentos acadêmicos como o IX Seminário corpo, Gênero e Sexualidade, pesquisas, extensões, movimentos da comunidade LGBTQIAPN+ e simpatizantes, movimentos governamentais com políticas



públicas e principalmente em educação, e de toda sociedade resistam às violências e se constituam em um processo de construção de uma nova realidade, VIDA e DIGNIDADE!

## REFERÊNCIAS

ALVES, Gabriel Silva; ANDRADE, Cristiano de Jesus. Travestis e mulheres trans no trabalho em prostituição: a construção do corpo-mercadoria. **Veredas: Revista Interdisciplinar de Humanidades**. v. 7, n. 14, p. 38-52, 2024.

BARBOSA, Julia; TAUIL, Maria Elisa. **Poder por Elas: Quem é Erika Hilton?** Da prostituição à Câmara dos Deputados, conheça a história da primeira mulher trans preta no Congresso Nacional. In: **Jornalismo PUC-SO**, Agemt. São Paulo. 2023. Disponível em: <https://agemt.pucsp.br/noticias/poder-por-elas-quem-e-erika-hilton>. Acesso: 30/03/2025.

BETHÂNIA, Maria. **Balada de Gisberta**. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2010.

BRAZZA, Fábio. **Meu Fantasma**. S.I. Universal Music Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oNV0ujzpe4g> . Acesso: 29/03/2025.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 26. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 35.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

JESUS, Luccas Trindade Barreto de; VIDAL, Paulo Eduardo Viana. **“O fim quer me buscar”**: da estranheza ao diferente à violência direcionada ao corpo castrado do outro. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/64281>>. Acesso: 30/03/2025.

NETO, José Macedo Santana; MADUREIRA, Carolina Pereira. A representatividade LGBTI+ no poder legislativo brasileiro (2014–2024): a análise conjuntural das frentes parlamentares no congresso nacional e o caso Erika Hilton. Teresina - **Piauí: Revista do TCE-PI**. v. 22, n. 1, p. 82-101. 2022. Disponível: <https://revistas.tce.pi.gov.br/index.php/tce/article/view/8>. Acesso: 30/03/2025.



PARANHOS, William Roslindo. “Travesti não é bagunça” - entrevista com Erika Hilton. Curitiba: **COR LGBTQIA+**, v. 1 n. 4, p. 146-150. 2023. Disponível em: <https://revistas.ceeinter.com.br/CORLGBTI/article/view/570>. Acesso: 30/03/2025.

RIBEIRO, Janaina De Souza; VAZ, Telma Romilda Duarte. **Violência política de gênero: os casos Dilma Rousseff, Erika Hilton e Marielle Franco.** Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 2023 Disponível: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/8144>. Acesso: 30/03/2025.